

Dengue volta ameaçadora à região [envie esta matéria por e-mail](#)

Adriana Gomes

Do Diário do Grande ABC

Mais Notícias[Para população, não há combate](#)

O primeiro trimestre deste ano registra um número ameaçador para a saúde pública do Grande ABC. A região já registra 51 casos confirmados de dengue, dos quais cinco são autóctones (originados no local de moradia dos pacientes). Considerando que o total de casos suspeitos beira 200 (173 em cinco cidades; duas não informaram) e que abril é considerado o mês mais crítico em termos de ocorrências, não é difícil supor que o quadro pode se agravar nas próximas semanas. Em todo o ano passado, foram confirmados 164 casos nas sete cidades (oito autóctones).

Embora não caibam comparações com cidades cujos números caracterizam epidemia – como Itanhaém, no Litoral Sul, com 357 casos confirmados, e Ubatuba, no Litoral Norte, com 582 pessoas infectadas –, parte das cidades da região deve superar os números registrados em 2006, sem falar que muitos moradores do Grande ABC passam feriados e férias nessas regiões de litoral. Assim, a tendência é que cresça o número de casos importados.

Em São Bernardo, já foram confirmados 20 casos neste ano (um autóctone), contra os cinco confirmados durante todo o ano passado. Em Diadema, confirmaram-se 17 suspeitas em pouco mais de três meses, contra 25 confirmações no ano inteiro de 2006.

Vale ressaltar ainda que Diadema confirmou o quarto caso autóctone na semana passada, e que as quatro ocorrências originadas na cidade foram confirmadas nos últimos 30 dias. Historicamente, são exceções casos não-importados na região. “O cenário não é preocupante como há alguns anos, talvez 2003, quando tivemos 43 casos autóctones em apenas uma rua”, pondera Sandro Corumba, coordenador do Programa de Controle da Dengue na cidade. Ele refere-se ao panorama do início da década, quando a região de fato apresentou um boom da doença. No entanto, Corumba reconhece que o município está infestado em toda a extensão. O controle nos próximos meses de 2007 vai depender decisivamente de ações da Prefeitura e do auxílio da população.

Em Santo André, há 27 bairros com focos do mosquito, fato preocupante para a administração, que tem organizado mutirões nesses locais. A Prefeitura confirma que, em menos de 15 dias, o número de focos subiu de 354 para 475. Em todo o ano passado, foram descobertos 876 focos; portanto, apenas no primeiro trimestre deste ano, o número é superior ao registrado até meados de 2006.

[Para população, não há combate](#)

Adriana Gomes

Do Diário do Grande ABC

População e Prefeituras divergem quando a questão é quem tem mais

responsabilidade no combate à dengue. Enquanto algumas autoridades de Saúde têm dito que a população relaxou quanto aos cuidados para evitar a proliferação do temido *Aedes Aegypti*, moradores entram em contato com o Diário para reclamar que as administrações dão cada vez menos importância para o trabalho, o que contribuiria para alterar o quadro de relativo controle dos últimos anos.

Moradora da Estrada dos Alvarenga, na divisa de São Bernardo (região do Assunção) com Diadema (área do Eldorado), Vanessa Pereira Rocha dos Santos, 26 anos, garante jamais ter visto a face de um agente de combate à dengue onde vive. “Estou aqui desde que nasci e nunca vi ninguém instruindo morador para evitar o mosquito. Duas ruas para cima de onde moro, teve um caso confirmado de dengue”, afirma a merendeira, que atualmente está afastada do trabalho.

Amargando o problema de muitas comunidades que vivem em divisas, Vanessa conta que seu bairro não tem água encanada, saneamento adequado e todos convivem com muito mato nas proximidades de casa, em áreas infestadas de roedores e cheias de poças de água. Ela diz, entretanto, que a população local paga imposto para a Prefeitura de São Bernardo.

“A Prefeitura faz o melhor trabalho que consegue, mas esse verão foi atípico e contribuiu para a proliferação do mosquito. Se chove todos os dias, por exemplo, os pontos de água não secam. A participação popular é muito importante para auxiliar no trabalho”, diz Wagner Kuroiwa, diretor de Vigilância à Saúde de São Bernardo, em consonância com o discurso do Estado. “A participação da população é essencial no combate à dengue. Somente assim é possível reduzir o número de criadouros”, alerta o pesquisador científico Ricardo Ciaravolo, da Secretaria de Estado da Saúde. “O calor tem persistido neste ano. Cuidados são importantes para evitar grande crescimento da dengue”, emenda Affonso Viviani, coordenador do Comitê Estadual de Combate à doença.

A Prefeitura de São Bernardo informa ainda que o controle do mosquito é feito durante o ano todo, por meio de 200 pontos de armadilhas (pneus com água distribuídos pelo município para identificar focos), posterior controle dos focos e visita a pontos estratégicos, como borracharias e comércios de ferro-velho. Segundo a administração, também são realizadas visitas “casa-a-casa”, semanalmente. A cidade é a recordista em números absolutos de dengue neste ano (20).

Sem providências -Dermeval José dos Santos pode ser chamado de “gente que faz”, se levadas em conta as recomendações das autoridades de Saúde. Não que resolva muita coisa. Mesmo tomando os cuidados contra a dengue, o tapeceiro de automóveis e outros moradores da Vila Lucinda, em Santo André, estão preocupadíssimos com a presença do mosquito na região.

“Eu e meus colegas do trabalho (comércio na avenida Martim Francisco) pegamos dois insetos que achamos parecidos com a dengue e colocamos em um vidro. Levamos até o departamento de Vigilância da Prefeitura e confirmaram que um dos mosquitos era dengue. Perguntamos o que fariam então e responderam que por enquanto nada, pois não tinham gente para mandar em todo lugar que tem o transmissor da doença”, narra Santos, que também diz que nunca teve a oportunidade de um feliz encontro com agente de

combate ao Aedes.

Ele reclama de um terreno próximo ao local onde mora e trabalha, onde existiriam focos do mosquito.

Santo André apresenta números que revelam um controle um pouco mais efetivo (10 casos confirmados até agora, numa cidade com o maior número de focos da região – 475). Mas, João Carlos Tristão, coordenador da Vigilância Ambiental em Saúde, reconhece que há uma dificuldade de atuação em terrenos abandonados, especialmente os particulares. “A Operação Bairro Limpo faz limpeza de áreas, mas não podemos entrar nas particulares sem autorização. Além disso, o custo da limpeza desses terrenos vai para a dívida ativa”, diz Tristão. “Desde 2005, retiramos as armadilhas do município, pois quase todas davam positivo (para focos)”, informa o médico veterinário Sandro Corumba sobre o formato de contagem em Diadema, cidade que, considerado o tamanho do território, tem o número de casos mais significativo neste ano: 17. “Mas a gente trabalha para que não ocorra um epidemia”, diz.